

A SATANIZAÇÃO DOS ORIXÁS NO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO

The satanization of the orixás in the colonization process

Eliaidina Wagna Oliveira da Silva¹

Resumo: Constata-se, por meio dessas perquisições bibliográficas, feitas de análises descritivas, que as estigmatizações contra as crenças afro-religiosas, produto do racismo colonizador das terras brasileiras, convertem-se em perseguição e constrangimento as plenas manifestações das devoções de origens africanas. A pesquisa processa leituras de interdisciplinaridades entre temáticas étnico-raciais da antropologia e historiografia processadas em reflexões filosóficas e teológicas, para apresentar que a colonização foi enraizada no solo brasileiro com tamanha profundidade que fica impossível alcançar uma sociedade igualitária sem mudanças dos paradigmas que sustentam a cultura ainda colonizadora. A proposta que se aspira dentro de uma democratização da cultura, é que se construa o respeito ao pluralismo através do reconhecimento de múltiplas formas de saberes em valoração igualitária.

Palavras-chave: Religião. Racismo. Ciências. África. Colonização.

Abstract: Through this bibliograph research, made out descriptive analyses, it is noted that the stigmatizations against Afro-religious beliefs, product of the colonizing racism of Brazilian lands, turn into persecution

Artigo recebido em: 21 de out. de 2021

Aprovado em: 20 de dez. 2021

¹ Mestra em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local (EMESCAM). Advogada com Formação Pedagógica em História (UNIBF). Pós-Graduada em Diversidade Étnico-Racial, Antropologia, Direito Público, Direito Civil e Direito Tributário. Membro das Comissões na OAB-ES: Comissão de Igualdade Racial, Comissão da Mulher Advogada, Comissão OAB vai a Escola e Comissão de Direitos Prerrogativas dos Advogados.

and embarrassment of the full manifestations of the devotions of African origins. The research processes interdisciplinary readings between ethnic-racial themes of anthropology and historiography processed in philosophical and theological reflections, to show that colonization was rooted in Brazilian soil with such depth that it is impossible to reach an egalitarian society without changing the paradigms that support the still colonized culture. The proposal that is aspired within a democratization of culture is to build respect for the pluralism through the recognition of multiple forms of knowledge in equal valuation.

Keywords: Religion. Racism. Sciences. Africa. Colonization.

Introdução

Este estudo é uma pesquisa bibliográfica cuja análise descritiva faz uma leitura do saber científico germinado no contexto colonizador e dentro de uma visão etnocêntrica que, ao colocar a Europa no referencial civilizatório, condenou as demais coletividades a uma desumanização. A reação anticolonizadora veio com as práticas afro religiosas.

Porém, as crenças religiosas, no geral, não são suficientemente compreendidas como uma forma legítima de saberes em valoração igualitária com as produções científicas, mais ainda se suas transferência às gerações forem orais, como no caso dos ameríndios. Essa ideia trouxe o escalonamento do conhecimento sob o viés cientificista que hierarquizou culturas, ao desconsiderar as religiosidades como fonte válida de produção de saber.

Berger², Carmo³, Eller⁴, Gomes⁵, Ferreti⁶ e Müller⁷ são diálogos de reflexões com focos diversos a demonstrar o processo de evangelização da América como uma tecnologia de dominação e

² BERGER, Peter L. **Os múltiplos altares da modernidade rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho ; revisão da tradução de Gentil Avelino Tilton. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.

³ CARMO, João Clodomiro do. **O que é candomblé**. São Paulo: editora e livraria brasiliense, 2017.

⁴ ELLER, Jack David **Introdução à antropologia da religião**. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis, RJ : Vozes, 2018.

⁵ GOMES, Laurentino. **Escravidão Volume II**, da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de dom João ao Brasil. [s. l.]: Globo Livros, 2021.

⁶ FERRETI, Sérgio Figueiredo **Repensando o sincretismo**. 2. ed. São Paulo: EDUSP; Arché Editora, 2013.

⁷ MÜLLER, MAX. **Introdução à ciência da religião**. Tradução de Brasil Fernandes de Barros Belo Horizonte: Editora Senso, 2020.

destruição das outras identidades porque na colonização, a Europa se impôs como verdade absoluta.

As religiões afro-brasileiras simbolizam a resistência dos povos escravizados e da sua descendência, contra as desumanizações escravagista utilizadas para supressão das almas. A satanização das crenças de origem africana é o testemunho do racismo estruturado na sociedade brasileira, persistente na demarcação dos espaços de poder ambientado por uma branquitude predominante.

A revisão bibliográfica desse estudo perscrutou temáticas religiosas exploradas no campo teológico, antropológico, sociológico e filosófico. A exploração de questões ligadas a religião foram sondadas sem omitir as influências do cientificismo. Após análise e seleção de materiais, as reflexões se compuseram por interdisciplinaridade para se desviar da visão eurocêntrica que estigmatiza os povos das religiões de matrizes africanas.

À compreensão da atividade religiosa como fonte de formação identitária perpassam dualidades do contexto social, ora usada como ferramenta de dominação e, ao mesmo tempo, instrumento de libertação coletiva. Desse paradoxo é extraído o confronto das ideias antagônicas que, nas leituras, ao se atravessarem de conteúdos interdisciplinares, acabam por se complementarem. Os autores apresentados são concepções variadas da religiosidade com perspectivas exploradas na formatação pluralista. Importa sublinhar que a metodologia de conferência bibliográfica por pontos antagônicos e dialogados entre si, foi intencional para validar flexibilizações conceituais e reflexão mais ampla, que leve a mais questionamentos.

Desenvolvimento

A teoria da secularização, baseada na ideia de que a modernidade acarreta necessariamente um declínio da religião, serviu durante algum tempo como um paradigma para o estudo da religião. Mas ela não pode mais se sustentar diante da evidência empírica. É necessário um novo paradigma. Eu penso que ele deve basear-se nas muitas implicações do fenômeno do pluralismo. Proponho que um novo paradigma deveria ser capaz de lidar com dois pluralismos – a coexistência de diferentes religiões e a coexistência de discursos religiosos e seculares. Esta coexistência ocorre não somente nas mentes dos indivíduos, mas também no espaço social.⁸

⁸ BERGER⁸, 2020, “n. p.”

Essa leitura cuida que as experiências religiosas são travessias de produções culturais com as quais se identificam uma das marcas mais distintivas da humanidade que é o sentimento religioso. A conexão com a espiritualidade é uma das características que mais destacam os seres humanos das demais espécies da natureza. A busca do “eu espiritual”, o ser em conexão com os anseios das divindades e do misticismo, sede de se desvendar os mistérios é uma singularidade humana.

As práticas religiosas são assimiladas neste contexto, para retratar processos de dominações e hierarquizações, modos de resistências dos grupos oprimidos e vivências experimentadas na satisfação espiritual. Nessa reflexão, a religião é contextualizada na complexidade multiculturalista, no fator de demarcação dos grupos sociais, na imposição de dominação e no paradoxo de constituição identitária contra as opressões.

1.1 O sentimento religioso como inerente a condição humana,

Se dizemos que é a religião que distingue o ser humano do animal, não estamos falando da religião cristã ou judaica; não estamos falando de nenhuma religião em particular, mas estamos nos referindo a uma faculdade ou disposição mental que, independentemente e apesar do senso e da razão, permite ao ser humano apreender o Infinito sob nomes diferentes e sob diversos “disfarces”. Sem essa faculdade, nenhuma religião, nem mesmo a menor adoração a ídolos e símbolos mágicos, seria possível.⁹

A humanidade registra desde sua ciente existencialidade, o sentimento de religiosidade vivido como uma prática inerente a natureza humana e traço que nos distingue das demais espécies. No campo acadêmico ou na universalidade de todos os saberes, dos grupos contemporâneos aos mais primitivos em termos de ciência humana de sua existencialidade, as pessoas buscam conexões com crenças e divindades.

Bueno¹⁰ narra a primeira chegada portuguesa nas margens brasileiras e o desembarque nas terras desconhecidas por uma tripulação de Cabral perplexa com os tupis-guaranis. Povos pardos e nus habitantes das encostas litorâneas, vieram ao litoral movidos

⁹ MÜLLER, 2020, p. 24

¹⁰ BUENO, Eduardo **Brasil**, uma história: cinco séculos de um país em construção. Rio de Janeiro: Leya, 2012.

numa maciça imigração de fundo religiosos “[...] em busca de uma suposta “Terra Sem Males”.¹¹

Segundo autor, questionaram se os ameríndios teriam alma e como viveram por milênios às margens de Deus. A ignorância quanto as gentes que habitavam os trópicos, com costumes tão diferentes acendeu as teorias evolucionistas de Tylor¹² e Spencer¹³. Estes acreditavam que os seres humanos seguiam uma ordem evolutiva, estágio após estágio, numa escala unilateral de civilidade que acaba por hierarquizar povos e colocar a Europa como o referencial civilizatório.

As teorias evolucionista eram sem criticidade de que as mesmas inquietações que impulsionavam todos ao divino e seus mistérios, sentimentos estes movidos de outros lugares mesmo que sob diferentes perspectiva e conceitos. Essa desconsideração sobre o desigual, gerou uma interpretação etnocêntrica que martirizou os nativos e os africanos. A colonização apoiada nas pseudociências de superioridades das raças enterrou conhecimentos milenares. Ciência e religião foram apropriadas pela vilania eurocentralizada, universalizada e exclusivista dos saberes.

A interdisciplinaridade que relaciona ciência e religião é palco de debates por se perfilhar das contrariedades que envolvem o diálogo entre duas temáticas, por vezes, contraditórias nos múltiplos aspectos. Russell¹⁴ comunga que a “[...] coesão social e a liberdade individual, como a religião e a ciência, acham-se num estado de conflito”¹⁵. Não sem razão, suscitam-se divergências constantes entre os grandes pensadores das áreas científicas, filósofos e intelectuais dos mais diversos setores acadêmicos.

Marx¹⁶ definiu o sentimento religioso como o processo de alienação das massas. A religião seria a forma miserável e ignorante

¹¹ BUENO, 2012, p. 25.

¹² TYLOR, Edward Bunett. **A ciência da cultura**. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. [s. l.]: Expresso Zahar, 2014.

¹³ SPENCER, Herbert. **Primeiros princípios**. Tradução de Irapuan Costa Júnior. São Pulo: Ex Machiana, 2015

¹⁴ RUSSELL, Bertrand. **A filosofia entre a religião e a ciência**. UTL (Tradutor). [s. l.]: Amazon, 2012.

¹⁵ RUSSELL, 2012, “n. p.”

¹⁶ MARX, Karl (1843-1844). **Introdução à crítica da filosofia do Direito de Hegel**. Disponível em: https://www.amazon.com.br/s?k=Hegel&i=digital-text&tag=kindle-android-20&ref=nb_sb_noss_1_kin_red_lib_o. Acesso: 22 agost. 2021.

de expressão das populações segregadas que reclamaria uma intervenção mediante supressão dos sentimentos de religiosidades para se libertarem das amarras da ignorância. Nesta definição, as crenças foram conceituadas como: “[...] o soluço da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, o espírito de uma situação carente de espírito. É o ópio do povo.”¹⁷

Para Nietzsche¹⁸, “[...] - O ateísmo absoluto, leal (única atmosfera que respiramos gostosamente) é a última fase da evolução ascética, uma das suas formas finais, uma das suas consequências íntimas;”¹⁹. A ideia de religião e pecado sofreria influência de interesses de dominação, usada para escravizar espíritos inferiores. A atividade religiosa, nesta concepção do ateuista, é um processo de manipulação dos mais fortes sobre os mais fracos.

Já McGranath²⁰ vislumbra que a despeito dos confrontos, haveria pontos de equilíbrio na junção dos discursos uma vez que, isolados os temas, nenhum dos seus conteúdos, ciência ou religião, conseguiriam sozinhos, responder na completude, todas as perguntas da humanidade. Apesar dos pontos conflitivos, a “[...] ciência e religião são capazes de interagir em um diálogo significativo sobre algumas das grandes questões da vida [...]”²¹.

Nas percepções diversas e antagônicas desses autores, nota-se que as aparentes oposições são as duas faces de uma mesma moeda. Tantas e contraditórias interpretações dos variados campos da intelectualidade, filosofia, teologia e antropologia, repassam análises empíricas das colonizações da América, onde religião se revelou por denominador, ser um paradoxal cheio de contrariedades. Destaca-se que as práticas religiosas podem ser ferramenta de opressão, ao mesmo tempo que é um instrumento da resistência das minorias enquanto manifestação cultural capaz de definir uma identidade coletiva.

Em termos antropológicos, a religião é a ciência da diversidade dos seres humanos porque a atividade religiosa é uma extensão das relações sociais para adiante dos confins da matéria. “Em outras palavras, a religião é o discurso, a linguagem e a prática, ou os meios pelos quais a sociedade humana e a cultura se expandem para incluir

¹⁷ MARX, [1843-1844], documento online.

¹⁸ NIETZSCHE, Frederico Willem, 1844-1900. **A genealogia da moral**. Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Editora Lá fonte, 2017.

¹⁹ NIETZSCHE, 2017, “n. p.”

²⁰ MCGRANTH, Alistar. **Ciência e religião: fundamentos para o diálogo**. Tradução de Roberto Covolan. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

²¹ MCGRANTH, 2020, p. 21

os não humanos.”²². Pode-se dizer que esta não-humanidade, a que o autor se refere, é um arcabouço de valores e modos de ser coletivos revestidos em suas mais amplas expressões para além do conhecimento cientificista imposto como verdade absoluta.

Para Dulci²³, o diálogo entre ciência e fé vai ao encontro a uma maior legitimidade dos conhecimentos. O cientificismo descaracteriza a ciência quando se limita a esse saber e apenas ele, por meio da aplicação de métodos de pesquisa para excluir outros saberes. Diz: “[...] a chamada ‘atitude científica’ é apenas uma parte de uma elaborada caracterização da ciência, em que a aplicação de métodos é necessária, mas não é suficiente para definir a ciência.”²⁴.

Arrisca-se definir que o grave problema da ciência como único saber é o cientificismo etnocêntrico. Sua valoração se vale de um arcabouço de fontes pautadas numa visão de cultura universal, uníssona e validada em pesquisas e métodos científicos como única extração legítima de conhecimento. Essa ótica cientificista foi a sustentabilidade da colonização, cuja visão de mundo não se vislumbrou concepções de religiosidades, desenvolvimentos e humanidades fora da idealização eurocentralizada.

A ciência, dentro das abstrações conceituais colonizadoras e etnocêntricas, foi a negação dos outros saberes pela idéia errônea de que a cultura europeia fosse mais desenvolvida e elevada em comparação aos outros povos, julgados como bárbaros primitivos. A civilização foi uma atribuição dada a Europa para avalizar genocídio, escravização e martírio dos outros povos que, por incoerência, eram os selvagens em detrimento da carnificina que foi a colonização brutal e impiedosa.

O campo de visão inclusivo dos saberes requer um olhar multiculturalista e interdisciplinar, despido de preconceitos e aberto a aceitação de outros olhares. O multiculturalismo importa nesse reconhecimento dos vários grupos sociais por colocar o cientificismo como um fator da colonização. Qualquer conhecimento que se imponha como única narrativa válida é nocivo na construção do bem comum. Por isto o saber científico não exclui, nem deve excluir, outras culturas.

O saber científico precisa ser assimilado, nessa assertiva, como mais um dos conhecimentos construídos, mas valorado em paridade com outros saberes, dialogados com outras visões de mundo e representações identitárias ao lado da cultura popular e religiosa.

²² ELLER, 2018, “n. p.”

²³ DULCI, Pedro. **O problema da ciência é o cientificismo**. Publicada e 12 nov. 2018. Disponível em <https://www.ultimato.com.br/conteudo/o-problema-da-ciencia-e-o-cientificismo>. Acesso e: 08 set. 2021.

²⁴ DULCI, 2018, documento online

Pretende-se uma compreensão das complexidades humanas em suas completudes por natureza plurais, diversas e pluriculturais que não cabe em um modelo pré-estabelecido.

As Escrituras Bíblicas²⁵, o Alcorão²⁶, as Mitologias Gregas²⁷, Nórdicas, Africanas, Indígenas, Hinduísmo, Budismo, e tantas identificações religiosas são manadeiros do saber porque, uma a uma, representam expressões culturais de mundos, ideias e valores. Por isso, Daniels²⁸ reporta que as religiões e suas crenças são chaves de questionamentos dos seres civilizados.

1.2 Da estigmatização contra as religiões de origem africanas

[...] não há crítica se um pequeno evangélico escolhe o deus nórdico Thor, agora herói da Marvel, como tema de festa. Xangô, orixá iorubá, lembra um bocado o colega setentrional: os dois são fortes e controlam trovões. Se a festinha fosse para o orixá, “imagina o auê”, [...] ²⁹

As ciências pseudocientíficas de cunho racial que hierarquizou o conhecimento científico e os demais saberes deram origem a teorias criminológicas encabeçadas por Rodrigues³⁰, Lombroso e Ferrero³¹. Eram teses consagradas da estigmatização dos corpos negros como o marginal por natureza. Essas doutrinas trouxeram consigo, o efeito segregacionista sobre gentes negras em todos os setores, desde a cultura, economia e crenças.

No caso das religiões de origem africana, o preconceito, a discriminação e a intolerância revelam que as estigmatizações contra

²⁵ BÍBLIA SAGRADA. **Edição com notas para jovens**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. 1.664p.

²⁶ ALCORÃO. **Alcorão**. Profeta MUHAMMAD Coleção Religião e Filosofia. [s. l.]: Autch Editora, 2012.

²⁷ KERÉNYI, Karl, 1897-1973. A mitologia dos gregos : vol. I : a história dos deuses e dos homens. Tradução de Octavio Mendes Cajado. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2015.

²⁸ DANIELS, Mark A história da mitologia para quem tem pressa [recurso eletrônico] / Mark Daniels; tradução de Heloísa Leal. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Valentina, 2015.

²⁹ OLIVEIRA, 2019, documento online

³⁰ RODRIGUES, Nina. Os africanos no Brasil. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2010.

³¹ LOMBROSO, Césaire; FERRERO, Guglielmo. A mulher delinquente, a prostituta e a mulher normal. Tradução de Antônio Foutora Jr. [s. l.]: curitiba.antoniofoutora.com.br, 2017.

as tradições culturais oriundas da África foram tão agudas, que estigmatizou até mesmo suas manifestações religiosas. Essas marcações negativas, oriunda do passado escravagistas é, antes de mais nada, um projeto de poder a que Nogueira³² denuncia ser opressões manipuladas para reserva dos espaços de privilégio da branquitude:

O preconceito, a discriminação, a intolerância e, no caso das tradições culturais e religiosas de origem africana, o racismo se caracterizam pelas formas perversas de julgamentos que estigmatizam um grupo e exaltam outro, valorizam e conferem prestígio e hegemonia a um determinado “eu” em detrimento de “outrem”, sustentados pela ignorância, pelo moralismo, pelo conservadorismo e, atualmente, pelo poder político – os quais culminam em ações prejudiciais e até certo ponto criminosas contra um grupo de pessoas com uma crença considerada não hegemônica. No cerne da noção de intolerância religiosa, está a necessidade de estigmatizar para fazer oposição entre o que é normal, regular, padrão, e o que é anormal, irregular, não padrão. Estigmatizar é um exercício de poder sobre o outro. Estigmatiza-se para excluir, segregar, apagar, silenciar e apartar do grupo considerado normal e de prestígio.³³

O autor denuncia que a laicidade religiosa no Brasil é uma farsa originada do colonialismo de cuja doutrinação o catolicismo foi conivente. A catequese foi ferramenta de dominação utilizada para apagamento de qualquer cultura ou crença que não fosse aquela imposta por Portugal.

Pela narrativa de Gomes³⁴, as crenças religiosas dos povos originários da África vieram de um processo de reconstrução identitária. Os sobreviventes do cativeiro, condenados ao desaparecimento como seres coletivos, reinventaram-se por meio da costura de vários saberes e reuniões das identidades fragmentadas e reconstruídas numa colcha de retalhos. Esse mosaicismo concebeu uma nova cultura que expressou a união daquilo que foi dividido e destruído na travessia dos oceanos. Diz ele que: “uma nova África foi

³² NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

³³ NOGUEIRA, 2020, “n. p.”

³⁴ GOMES, 2021, p.101

se construindo no Brasil, diferente de todas as outras que cruzaram o Atlântico a bordo dos navios negreiros.”³⁵

O historiador registra que as crenças e cultos nascidos no Brasil foram as somas de todos os fragmentos de povos que, se antes eram desunidos, uniram-se pela dor e pelo sofrimento, restituindo suas identidades em conjugações e somas, como um meio de sobrevivência renascida das cinzas. Dessas junções de diversos saberes e religiosidades subtraídas para o além mar, foram o jeito achado, e possível, de os africanos se legitimarem como existências humanas. Desse modo, as religiões afro-brasileiras aqui construídas representam as resistências contra as desumanizações do longo cativeiro escravagista e a construção de um novo povo, resistente e formado de reconstruções contra a imolação negra.

Porém, existe um choque em relação as crenças afros porque elas são, pela própria origem, mais abertas a aceitação das pessoas com suas complexidades e diversidades, dotadas de qualidades e defeitos e sem a subjugação moral cristã conservadora. A questão é que o cristianismo praticado pela colonização adotou métodos de dominação centralizados em freios sociais tirânicos da contrarreforma que respinga na atualidade. Com essa interpretação, Carmo revela que o texto-base das religiões cristãs e judaicas contém “[...] um conjunto de normas de convivência adaptadas a um povo de cultura agrária, que viveu há mais de 3.000 anos,” mas que foi universalizado e assimilado como atemporal.³⁶

Daí, a ausência de proibições severas do candomblé e da umbanda quantos a costumes, livres de culpas dos pecados fundados nos eixos de valores fundamentalistas já superados, petrificou o processo de satanização que já havia construído na colonização. Essa demonização foi um mecanismo da dominação escravagista, mas estigmatiza até hoje os devotos da fé afrodescendente.

Carmo³⁷ raciocina que a liberalidade dos costumes nas crenças afro-brasileiras é proveniente da aceitação do outro e de todos como seres complexos, incompletos e falíveis por natureza, envoltos em suas perenes construções, desconstruções e reconstruções. Trata-se da teologia do acolhimento praticado nos terreiros desde sua instituição e que é, conforme a autora, tão caros nos movimentos católicos e evangélicos da atualidade.

Evangélica, Oliveira³⁸ sinaliza que a satanização de Exu e demais entidades da mitologia afro-brasileira é uma prática racista

³⁵ GOMES, 2021, p.101

³⁶ CARMO, 2017, p.12

³⁷ CARMO, 2017, p.12

³⁸ OLIVEIRA, Fabíola. **Debata sobre racismo religioso aumenta dentro de igrejas e opõe evangélicos excluídos de evento sobre**

porque aplicável apenas às mitologias negras. A prova disso é que não se praticam a demonização dos mitos gregos e outras crenças estrangeiras. A maior evidência é que nas festas infantis, roupas e brinquedos cujos motivos sejam fantasias dos deuses nórdicos, não mobiliza incômodos dentro dos grupos evangélicos ou outras ramificações cristãs. Porém, se os motivos do evento tiver por representações alguma figura mitológica das religiões africanas, os rumores exacerbariam e o escândalo viria inevitável como estilhaço da intolerância religiosa.

Os processos de satanizações das crenças são formas de ideologias e estas atitudes ofensivas as rituais e práticas religiosas fora da homogeneidade cristã não são naturais. Nogueira³⁹ diz que ninguém é naturalmente preconceituoso e o preconceito é tecnologia de manutenção do poder feita com o uso da segregação e hierarquização. Trata-se de crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana. Com efeito, a orientação que se disse cristã na catequização da América, foi uma marcadora de prestígio e de poder sob gentes oprimidas. Ao mesmo tempo no Brasil, as religiões afros simbolizaram a resistência contra essa opressão e reconstrução identitária.

Embora se diga que o sincretismo religioso é um resquício da colonização sobre as raças oprimidas, ao ver de Ferretti⁴⁰, tratou-se de um processo de aculturação que não se limitou ao domínio religioso. Segundo ele, a inevitabilidade do modo como as misturas das raças deslocadas e as daqui originárias foram constituídas refletiu em todos os setores da vida privada e social. A prática das suas crenças de forma sincrética foi o meio possível de adaptação dos negros e dos primeiros povos à sociedade colonial brasileira que se impôs católica e segregou as crenças dos colonizados, acusadas de satânicas.

Referida assertiva acaba muito mais por confirmar que o culto católico sincrético teve suas raízes na opressão que estigmatizou e subjugou a África, ainda que tenha servido de fresta para o ingresso de novas identidades dali construídas. Apesar de sincrética na relação com o catolicismo, a devoção as entidades religiosas afro-brasileiras é cercada de tabus e reprimidas com a peja de serem demoníacas mesmo de dentro do secretismo religioso católico como

tema, cristãos progressistas veem preconceito com religiões afrobrasileiras. Publicada em 27.jul.2019. Disponível em <https://www.google.com/amp/s/www1.folha.uol.com.br/amp/cotidiano/2019/07/debate-sobre-racismo-religioso-aumenta-dentro-de-igrejas-e-opoe-evangelicos.shtml>. Acesso em 04 set. 2021.

³⁹ NOGUEIRA, 2020, “n. p.”

⁴⁰ FERRETTI, 2013, p. 48

muito bem expressou Dias Gomes na obra, “O pagador de promessas”.⁴¹ O que ocorre nos mais das vezes é uma imposição de crença que nada mais representa, como diz Mendonça⁴², do que a intolerância religiosa.

Esse processo de satanização contraria até mesmo as escrituras na qual se baseia o cristianismo como fonte de prática e de fé. Basta observar no relato bíblico quando Paulo, o mais atuante de todos os evangelista, ao divulgar o cristianismo aos povos gregos, fez uma conexão identitária de uma devoção grega, o “DEUS DESCONHECIDO” correlacionada ao Deus Cristão:

E, estando Paulo no meio do Areópago, disse:
Homens atenienses, em tudo vos supersticiosos;
Porque, passando eu e vendo os vossos santuários,
achei também um altar em que estava escrito: AO
DEUS DESCONHECIDO. Esse, pois, que vós
honrais, não o conhecendo, é o que eu vos anuncio.

43

Identifica-se nesta passagem das escrituras bíblicas que independente do fato de a linha cristã evangélica assimilar seus processos de evangelizações como uma mandamento do seu personagem central – Jesus, a demonização das crenças estrangeiras não é bíblica. Ora, se satanizar a crença alheia fosse naturalizado pelo cristianismo, Paulo, o apóstolo maior dentre os profetas cristãos, não iria atribuir ao Deus Desconhecido de Atenas, a personificação do Deus Único a que os cristãos atribuem santidade e reverência.

Destarte, a satanização dos Orixás e deuses de matrizes africanas não encontram suporte nas Escrituras Sagradas da crença Cristã. Tratou-se de uma tecnologia de inferiorização dos negros que ainda persiste nos dias atuais como resquício de um racismo conservado para a manutenção dos espaços de privilégios de uma minoria de predominância branca. Para Mendonça⁴⁴, a intolerância religiosa é um processo de negação da dignidade de determinados grupos e afeta o reconhecimento de suas cidadanias, fenômeno que,

⁴¹ GOMES, Dias. **O pagador de promessas**. 45^a edição. [s. l.]: Nova Fronteira, 2010.

⁴² MENDONÇA, Oliveira Isabela. Intolerância e as religiões de matriz afro-brasileira. **Revista Científica Urbanismo de Mercado**, V. 3, n.º 03. 2021

⁴³ BÍBLIA, 2009, p. 3.030

⁴⁴ MENDONÇA, 2021, p. 94.

embora possa atingir outras crenças, no Brasil, o racismo fez com que se concentrasse nas práticas religiosas de matrizes africanas.

Para Daniels⁴⁵, “[...] rituais dão a cada sociedade um conjunto de tradições que ajuda a forjar uma identidade coletiva e o sentimento de pertencer àquela terra.” O motivo é que as teologias oferecem um senso de unidade e coesão social que se identificam por meio das cerimônias comunitárias cujas mensagens são carregadas por imaginações atrativas à comunicação que se pretende.

Diz o autor que, ao contrário de se valorar como sendo menos rica as narrativas orais repassadas por gerações, justo a sobrevivência dessas histórias nesse processo é que conferem mais fascínio às narrativas porque sistematiza uma maior variedade nas culturas. Além do mais, a valoração dos saberes transmitidos na oralidade rompeu as barreiras do preconceito cientificista ajudadas pelas teses da antropologia cultural de Franz Boas⁴⁶, para quem as teorias evolucionistas não foram capazes de explicar as tantas formas de civilizações com suas variedades multiculturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas religiosas são expressões identitárias e culturais de povos e grupos sociais. Com a demonização das religiosidades de origem africanas, a colonização da América fez da catequização, uma ferramenta de opressão e desumanização dos escravizados. O evangelismo da América foi uma confusa visão etnocêntrica dos saberes eurocentralizados como a única forma de civilização para a apropriação de corpos e almas.

Não obstante a religiosidade de um povo possa ser usada como tecnologia de controle social, no caso do Brasil, as manifestações religiosas de matrizes africanas foram processos de construção da identidade negra. As descendências escravizadas apegaram-se ao que lhes restavam de humanização para construir uma nova cultura. Assim, suas crenças foram formas legítimas de resistências à dominação escravagista.

Nos dias atuais, as crenças de matrizes africanas são raízes dessas resistências e da afirmação identitária de gentes guerreiras e resistentes. Desse modo, os estigmas contra temáticas religiosas, em especial, preconceitos contra conteúdos das religiões de origem

⁴⁵ DANIELS, 2015, “n. p.”

⁴⁶ BOAS, Franz, 1858-1942. *Antropologia Cultural*. Tradução de Celso Castro. 6^a ed. [s. l.]: Zahar, 2004.

BOAS, Franz, 1858-1942. *A mente do ser humano primitivo*. Tradução de José Carlos Pereira. Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.

africana, são processos de dominação e colonização racista persistente. Salta aos olhos que o papel da pesquisa acadêmica é levar ao plano científico este questionamento, as causas e as consequências do etnocentrismo colonizador.

As satanizações das religiões de matrizes africanas não foram uma dinâmica adotada pelos primeiros evangelistas nos textos bíblicos. Logo, a afirmação de que a demonização dos Orixás é uma atitude pagã é assertiva, uma vez que as suas origens são muito mais econômicas do que religiosa.

REFERÊNCIAS

- ALCORÃO. *Alcorão*. Profeta MUHAMMAD Coleção Religião e Filosofia. [s. l.]: Autch Editora, 2012.
- BERGER, Peter L. *Os múltiplos altares da modernidade rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho ; revisão da tradução de Gentil Avelino Titton. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.
- BÍBLIA SAGRADA. *Edição com notas para jovens*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. 1.664p.
- BOAS, Franz, 1858-1942. *Antropologia Cultural*. Tradução de Celso Castro. 6ª ed. [s. l.]: Zahar, 2004
- BOAS, Franz, 1858-1942. *A mente do ser humano primitivo*. Tradução de José Carlos Pereira. Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.
- BUENO, Eduardo *Brasil: uma história: cinco séculos de um país em construção*. Rio de Janeiro: Leya, 2012.
- CARMO, João Clodomiro do. *O que é candomblé*. São Paulo: editora e livraria brasiliense, 2017.
- DANIELS, Mark *A história da mitologia para quem tem pressa*. Tradução de Heloísa Leal. Rio de Janeiro: Valentina, 2015.
- DULCI, Pedro. *O problema da ciência é o cientificismo*. Publicada e 12 nov. 2018. Disponível e <https://www.ultimato.com.br/conteudo/o-problema-da-ciencia-e-o-cientificismo>. Acesso e: 08 set. 2021.
- ELLER, Jack David *Introdução à antropologia da religião*. Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis, RJ : Vozes, 2018.
- FERRETI, Sérgio Figueiredo *Repensando o sincretismo*. 2. ed. São Paulo: EDUSP; Arché Editora, 2013.
- GOMES, Laurentino. *Escravidão Volume II, da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de dom João ao Brasil*. [s. l.]: Globo Livros, 2021.
- GOMES, Dias. *O pagador de promessas*. 45ª edição. [s. l.]: Nova Fronteira, 2010.

- KERÉNYI, Karl. *A mitologia dos gregos*: vol. I : a história dos deuses e dos homens. Tradução de Octavio Mendes Cajado. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2015.
- LOMBROSO, Césare; FERRERO, Guglielmo. *A mulher delinquente*, a prostituta e a mulher normal. Tradução de Antônio Foutora Jr. [s. l.]: curitiba.antoniofoutora.com.br, 2017.
- MARX, Karl (1843-1844). *Introdução à crítica da filosofia do Direito de Hegel*. Disponível em: https://www.amazon.com.br/s?k=Hegel&i=digital-text&tag=kindle-android-20&ref=nb_sb_noss_1_kin_red_lib_o. Acesso: 22 agost. 2021.
- MCGRANTH, Alister. *Ciência e religião*: fundamentos para o diálogo. Tradução de Roberto Covolan. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.
- MENDONÇA, Oliveira Isabela. Intolerância e as religiões de matriz afro-brasileira. *Revista Científica Urbanismo de Mercado*, V. 3, n.º 03. 2021
- MÜLLER, MAX. *Introdução à ciência da religião*. Tradução de Brasil Fernandes de Barros Belo Horizonte: Editora Senso, 2020.
- NIETZSCHE, Frederico Willem, 1844-1900. *A genealogia da moral*. Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Editora Lá fonte, 2017.
- NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância religiosa*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.
- OLIVEIRA, Fabíola. *Debate sobre racismo religioso aumenta dentro de igrejas e opõe evangélicos excluídos de evento sobre tema, cristãos progressistas veem preconceito com religiões afrobrasileiras*. Publicada em 27.jul.2019. Disponível em <https://www.google.com/amp/s/www1.folha.uol.com.br/amp/cotidiano/2019/07/debate-sobre-racismo-religioso-aumenta-dentro-de-igrejas-e-opoe-evangelicos.shtml>. Acesso em 04 set. 2021.
- RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2010.
- RUSSELL, Bertrand. *A filosofia entre a religião e a ciência*. UTL (Tradutor). [s. l.]: Amazon, 2012.
- SPENCER, Herbert. *Primeiros princípios*. Tradução de Irapuan Costa Júnior. São Pulo: Ex Machiana, 2015
- TYLOR, Edward Bunett. *A ciência da cultura*. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. [s. l.]: Expresso Zahar, 2014.